

Conexão

Entre o frio e o quente

Não sei em que horário você está lendo, mas, para mim, é bom dia.

Costumo escrever muito cedo.

Não raro, sou despertada às quatro ou cinco da manhã por uma ideia para os escritos.

Levanto, tomo banho, preparo um café — café de verdade, cafezão, com pão e ovos — faço um chamego nos pets e sento para escrever.

Escrevo raramente no escritório.

Às vezes, numa poltrona roxa. Outras, na azul que trouxe do Rio Grande do Sul e apenas reformei.

No sofá.

Numa cadeira ao lado das plantas.

Frequentemente, na rede, também perto delas.

Hoje escrevo no sofá.

Um pet dorme no chão, com a cabeça sobre o meu chinelo.

O outro, ao meu lado.

Assim como eles, o restante da casa ainda dorme.

Talvez seja por isso que escreva tão cedo.

A solidude.

O silêncio.

O dia acordando.

A mente fresca.

Tudo isso me encanta.

Curiosamente, reza a lenda que nunca gostei de frio.

Meu pai conta, até hoje, que, nos dias mais gelados do inverno gaúcho, eu chorava.

Não tenho lembrança disso, mas recordo bem do frio penetrante e da serração das manhãs dos anos 90.

Estudava pela manhã.

Minha mãe determinava:

— Depois fica livre o resto do dia.

Talvez venha daí meu hábito de acordar cedo.

Em 1992, ela me levava de bicicleta para a escola.

Eu ia na garupa.

A orientação era sempre a mesma:

— Esconde o rosto nas minhas costas.

Era uma forma de proteger meu nariz do vento cortante.

Hoje penso: que dó dela.

Coisas de mãe.

Tomava a frente para me preservar.

Quantas vezes fazemos isso com nossas crias?

Às vezes de forma concreta.

Outras, tentando protegê-las das inevitáveis agruras da vida.

Pois bem.

Desde aquela época eu pensava na praia.

Imaginava como deveria ser bom viver perto do mar.

Ainda não o conhecia. Via apenas nas novelas.

Encontrei o mar pela primeira vez aos nove anos.

Fiquei besta.

Imenso.

Salgado.

E com areia suficiente para uma criança rolar feito croquete.

Era Magistério, no litoral norte do Rio Grande do Sul.

Todos os anos meus pais alugavam uma casinha de algum conhecido.
Ficávamos quatro ou cinco dias.

Eu aguardava aqueles poucos dias durante onze meses inteiros.

E sempre achava pouco.

Algumas vezes, chovia justamente durante a viagem.

Era meu desespero.

Ficava dentro da casa assistindo Patrine — um seriado japonês que passava praticamente o dia inteiro na televisão aberta — e esperando, ansiosamente, que a chuva desse uma trégua para eu poder voltar ao mar.

Os anos passaram.

Cresci.

E continuei apaixonada pela praia.

Por sorte, casei com alguém tão alucinado pelo mar quanto eu.

Todos os anos viajavamos.

Dez dias.

Quinze dias.

Ainda assim, eu sempre voltava com a sensação de que tinha sido pouco.

Vieram os filhos.

Também amantes da praia.

Como poderia ser diferente?

Naquela época, meu marido e eu fazíamos um pacto.

— Quando nos aposentarmos e os filhos saírem de casa, vamos morar na praia.

Começamos a ir cada vez mais longe, até chegar a Santa Catarina, especialmente, Florianópolis.

A vontade de viver perto do mar só aumentava.

Cheguei a prestar concurso público para Florianópolis.

Depois, um pouco mais longe.

Ceará.

Um amigo gaúcho, que morava em Fortaleza havia muitos anos, nos convidava frequentemente para visitá-lo.

Mas, em meio às demandas da vida, a viagem era sempre adiada.

Até que aconteceu.

E, naquele instante, uma paixão platônica da infância deixou de ser apenas um sonho.

Transformou-se em projeto de vida.

E uma história de amor nasceu.

O menino que não queria dormir

Voltamos para o Rio Grande do Sul encantados com a Terra da Luz.

Mais certos do que nunca de que um dia moraríamos na praia.

O CEP já estava escolhido.

Fortaleza.

Ano após ano, nossas férias tinham o mesmo destino.

Lembro especialmente de uma delas.

Era aniversário do nosso segundo filho.

Passamos o dia no Beach Park.

À noite, bolo, salgadinhos, docinhos e parabéns na casa do nosso querido anfitrião gaúcho.

Boa comida.

Boas conversas.

Boa companhia.

As crianças foram dormir.

Quando entrei no quarto para dar um beijo de boa-noite no aniversariante, fui surpreendida.

Ele chorava.

Não era um choro discreto.

Eram lágrimas grossas.

Pesadas.

Um choro sentido.

Soluçante.

Chamou minha atenção.

E também a do dono da casa.

Perguntamos o que havia acontecido.

A resposta veio entre soluços:

— Não posso dormir.

Meu coração acelerou.

Pensei no parque aquático.

Alguma queda.

Algum machucado.

Alguma dor que ele não tivesse contado antes.

Todas as hipóteses que cabem na cabeça de uma mãe apareceram ao mesmo tempo.

Perguntei se estava machucado.

Disse que não.

Insisti.

Foi então que ele respondeu:

— Se eu dormir, o dia vai acabar.

E eu não quero que esse dia acabe.

Naquele instante, nosso amigo e eu voltamos, emocionalmente, aos nove anos de idade.

Reconhecemos naquele pequeno gauchinho exatamente aquilo que também habitava nossas próprias infâncias.

A tristeza de perceber que algumas alegrias passam depressa demais.

E o desejo, quase impossível, de fazer certos dias durarem para sempre.

Quando o mundo parou

As férias terminaram pouco tempo depois.

O mundo que conhecíamos também.

Março de 2020.

A Organização Mundial da Saúde decretou a pandemia de Covid-19.

De repente, acompanhávamos, atônitos, o crescimento dos casos, as medidas sanitárias e o número de vidas interrompidas.

Todos os dias.

Muitas vidas.

Naquele período, eu trabalhava no Centro de Referência da Mulher, no SUS, um serviço voltado ao atendimento de mulheres em situação de violência e vulnerabilidade social.

Como profissional da saúde, não havia possibilidade de afastamento.

Licenças.

Férias.

Tudo estava suspenso.

Era uma experiência ambígua.

Havia o compromisso ético com as pessoas que atendia.

Mas havia, também, o medo.

Medo de adoecer.

Medo de levar a doença para casa.

Ainda assim, seguíamos.

E os atendimentos aumentavam de forma vertiginosa.

Nossas pacientes passaram a conviver vinte e quatro horas por dia com seus parceiros íntimos.

Algumas, com seus amores.

Outras, com seus algozes.

O confinamento intensificava conflitos e, infelizmente, também a violência.

Enquanto isso, em casa, meu marido e meus filhos permaneciam protegidos.

Nossa caçula foi alfabetizada diante de uma tela.

Eu olhava para ela e pensava em tudo o que estava deixando de viver.

Das cinco pessoas da casa, apenas eu saía.

E nunca saía sozinha.

O medo caminhava ao meu lado.

O Burnout também.

Assistíamos, diariamente, ao adoecimento dos colegas.

E ao nosso próprio.

Lembro de tentar iniciar um movimento de cuidado voltado aos profissionais da saúde.

Insisti.

Argumentei.

Propus espaços de escuta.

A iniciativa encontrou pouca abertura.

Conseguimos apenas um encontro entre colegas, organizado por outro psicólogo.

Depois disso, silêncio.

Também acumulamos perdas.

Em pouco mais de um mês, morreram uma tia, um primo e outra tia.

Além de vizinhos.

Amigos.

Conhecidos.

Durante aquele período ouvi, disse e vivi coisas que jamais imaginei experimentar.

Uma delas aconteceu no aniversário de sete anos da minha filha.

Ela queria um vestido.

E um bolo de sereia bailarina.

Consegui os dois.

Preparei a mesa.

A decoração.

Os balões.

A vela.

Os convidados éramos apenas nós cinco.

Os demais participariam por videochamada.

Era o nosso novo normal.

Pouco antes dos parabéns, recebi uma ligação.

A família de uma tia querida me fazia um pedido.

Ela estava entubada havia semanas.

Seu filho tinha falecido poucos dias antes.

Queriam que eu gravasse um áudio.

As enfermeiras o colocariam para ela ouvir.

O pedido não precisava ser explicado.

Gravei.

Lembrei das tardes da infância.

Ela sempre me incentivava a desenhar.

Curiosamente, quase sempre desenhávamos sereias.

Contei que, dali a pouco, cantaríamos parabéns para minha filha.

Despedi-me.

Terminei dizendo:

— Até breve.

Enviei o áudio.

E chorei.

Chorei muito.

Depois enxuguei as lágrimas.

Saí do quarto.

Sorri.

Sorri ao olhar para minha filha, completamente entregue à alegria de quem ainda tem apenas sete anos.

Naquele dia, couberam na mesma casa o medo, a despedida, a infância, a celebração e o luto.

Talvez tenha sido ali que compreendi algo que ainda me acompanha.

Mesmo quando o mundo parece parar, a vida continua acontecendo.

Às vezes, com todas as suas estações no mesmo dia.

O lugar onde moro

Além do meu áudio, outros amigos e familiares também gravaram mensagens para minha tia.

As enfermeiras contavam que lágrimas escorriam de seu rosto imóvel enquanto ela ouvia aquelas vozes conhecidas.

As coisas se complicaram.

Depois da extubação, veio uma infecção.

Semanas depois, ela partiu.

Foi a terceira perda da nossa família naquele curto espaço de tempo.

Mesmo conhecendo a gravidade do quadro, seguimos alimentando um fio de esperança até o último instante.

Foi em meio àquele luto que tomamos uma decisão.

Vamos nos mudar.

A ideia não nasceu naquele dia.

Ela já vinha sendo construída ao longo da pandemia.

Como tantas pessoas, fomos obrigados a olhar para a vida com outras perguntas.

A morte deixou de ser uma possibilidade distante.

A imprevisibilidade ganhou rosto.

E uma inquietação passou a nos acompanhar.

Quantas felicidades estávamos deixando para depois?

Somos treinados para isso.

Depois das férias.

Depois da promoção.

Depois da aposentadoria.

Depois que os filhos crescerem.

Como se o depois fosse um lugar garantido.

Talvez uma das heranças mais silenciosas da pandemia tenha sido justamente essa.

A lembrança de que algumas coisas só podem acontecer agora.

Um "eu te amo".

Uma pausa de quinze minutos.

Uma viagem.

Uma mudança.

Meses depois, começamos a transformar a decisão em realidade.

Vieram a exoneração do serviço público.

Os "nãos" para novas nomeações em cargos públicos.

As despedidas.

E, claro, o medo.

Se eu disser que não tive medo, estaria mentindo.

Medo do desconhecido.

Da adaptação.

Da distância da família.

Dos amigos.

Da nova cultura.

Mas aprendi que medo e desejo podem caminhar juntos.

Em novembro de 2021, chegamos a Fortaleza.

Chegamos com olhos de turista.

Ou, talvez, de criança.

Tudo era novidade.

Vieram dias leves.

Vieram dias difíceis.

Vieram dias comuns.

Como em qualquer lugar onde se vive de verdade.

Hoje percebo que fui presenteada com algo raro.

Tenho dois lugares concretos para chamar de casa.

Meu querido Rio Grande do Sul.

Minha querida Fortaleza.

Mas existe um terceiro.

Esse não aparece no mapa.

Carrego dentro de mim.

É o lugar onde moro sempre que minha vida se aproxima daquilo que considero verdadeiro.

Minha melhor morada.

Um abraço quebra-costela.

E um cheiro da terrinha daqui para você daí.